

DESOBEDIÊNCIA FEMINISTA NA ESCRITA DE PESQUISAS SOBRE GÊNERO E SEXUALIDADE

Eixo Temático 25 – Insurgências de Corpos e Saberes: Perspectivas Pedagógicas Decoloniais e Queer (Cuir) na Construção de Poéticas Outras da Revolta

Júlia Muniz de Alvarenga ¹
Yago Marinho Aquino do Nascimento ²
Giovanna Marafon ³

RESUMO

Inspiradas(o) no verbo DESOBEDECER, discutido por Diniz e Gebara (2022), relacionamos a desobediência feminista com a proposta de ruptura dos modelos hegemônicos de escrita acadêmica e associamos esse movimento às nossas pesquisas, com discussões sobre gênero e sexualidade. Para tanto, pensamos e propomos outros modos de produção na universidade, a partir da apresentação das investigações em andamento em um grupo de pesquisa, que incluem a elaboração de cartas e narrativas de produções culturais desde a periferia. Os diálogos com a escrita consideram os seguintes campos: atendimento a crianças e adolescentes trans e travestis em serviços de acolhimento (em medida protetiva); formação docente e experiência LGBTI+ no enfrentamento à LGBTI+fobia; e produção cultural de uma rede feminista.

Palavras-chave: Escrita acadêmica; Gênero e sexualidade; Desobediência feminista.

¹ Doutoranda em Políticas Públicas e Formação Humana da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, juliamunizalvarenga@gmail.com. Bolsista FAPERJ;

² Mestrando em Políticas Públicas e Formação Humana da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, yagomarinho.aquino@hotmail.com. Bolsista FAPERJ;

³ Doutora em Psicologia. Professora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, giovannamarafon@gmail.com.

INTRODUÇÃO

Escrevemos inspiradas(o) no verbo DESOBEDECER, discutido por Diniz e Gebara (2022). Para as autoras, desobedecer “é infringir ordens dadas, costumes, tradições, leis que se pretendem reguladoras de comportamentos e guardiãs da convivência comum” (DINIZ e GEBARA, 2022, p. 268). Relacionamos a desobediência feminista com a proposta de ruptura dos modelos hegemônicos de escrita acadêmica e, para isso, aproveitamos a confluência de nossas pesquisas sobre gênero e sexualidade com o pensar a escrita. Como desobedecer às normas de gênero e sexualidade e, ao mesmo tempo, desobedecer à padronização da escrita acadêmica?

Para ampliar o sentido, as autoras também resgatam a origem da palavra obedecer, que envolve “ouvir com seriedade, com atenção as pessoas e os acontecimentos da vida. A obediência real implica estarmos atentos e sermos cuidadosos uns com os outros” (DINIZ e GEBARA, 2022, p. 269).

Portanto, em um duplo movimento e por esse caminho de desobediência feminista à ordem patriarcal e na criação de outras obediências, interessa pensar o que escapa e o que pode vir a escapar das normas de gênero e sexualidade e, ainda, propor outros modos para pensar a escrita acadêmica. Pretendemos refletir sobre a produção na universidade, a partir da apresentação de três investigações em andamento no grupo de pesquisa, que incluem cartas e narrativas de produções culturais desde a periferia. O diálogo aqui proposto se dá com os seguintes campos: atendimento de crianças e adolescentes trans e travestis em serviços de acolhimento localizados na zona oeste da cidade do Rio de Janeiro; formação docente e experiência LGBTI+ no enfrentamento à LGBTI+fobia em um Instituto Federal de Educação, em Duque de Caxias (RJ), e produção cultural da rede feminista “RoquePense!”, desde a Baixada Fluminense.

Entre os diversos textos que selecionamos, lemos e discutimos no grupo de pesquisa, focamos na leitura de produções atentas à comunicação na escrita acadêmica e ao cuidado com quem lê os trabalhos. Entre eles, o artigo: “Por uma estetização da escrita acadêmica: poemas, cartas e diários envoltos em intenções pedagógicas”, de Moraes e Castro (2018), que sugere a ênfase na estética das produções escritas. A autora e o autor destacam a:

(...) necessidade da elaboração da escrita de textos acadêmicos que vislumbre uma configuração estética mais atrativa, arejada e poética, com o intuito de que esse tipo de texto possa gerar nos leitores maior envolvimento, seduzindo-o aos caminhos da aprendizagem instigante e significativa. (MORAES e CASTRO, 2018, p. 3)

As inquietações apresentadas produziram ressonâncias em nós, também em diálogo com Rolnik (1993). Temos pensado, então, uma escrita mais acessível, poética, de fácil entendimento e que comunique como foi produzida, com as aventuras de quem escreve para quem lê.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

Compartilhamos o processo de construção das nossas pesquisas e buscamos uma aproximação com leitoras/es que terão acesso às problematizações suscitadas na escrita acadêmica. Outras formas de comunicação na escrita, além da padronização, precisam ser praticadas no nosso fazer cotidiano enquanto pesquisadoras/or e tal feito tenta romper com a rigidez, sem fragilizar o rigor acadêmico praticado nas pesquisas. A seguir, traremos passagens das três pesquisas.

A pesquisa de uma das autoras deste trabalho, nível doutorado, busca refletir sobre a proteção de crianças e adolescentes trans e travestis nos serviços de acolhimento do município do Rio de Janeiro, na zona oeste da cidade. Tem como objetivo, através da escrita, convidar à reflexão profissionais que atuam nos serviços de acolhimento, a respeito do atendimento ao público trans e travesti e, desse modo, produzir novas sensibilidades nas dinâmicas institucionais na proteção às infâncias e adolescências. A pesquisa propõe-se a analisar os trechos do diário de campo de diferentes experiências da pesquisadora no campo dos direitos das crianças e adolescentes, em tempos distintos, e a escrita de cartas.

Inicialmente, a pesquisadora não imaginava que as cartas poderiam ser utilizadas para compor uma metodologia de pesquisa. Quando escreveu a primeira carta para o grupo de orientação no ano de 2020, no início da pandemia de Covid 19, a intenção era que aquele recurso ajudasse a organizar as ideias e contribuísse para a aproximação com as destinatárias. Contudo, a partir de leituras sugeridas pela orientadora, percebeu como a produção de cartas pode se apresentar como uma grande aliada, ao entendê-la tal como propõem Moraes e Bernardes (2018): “ferramenta narrativa que permite modalidades outras de posicionarmos a forma como interrogamos não só quanto às políticas de cognição científica, mas, sobretudo, quanto às formas que damos à produção do que pesquisamos” (p. 9). Entendemos que existem outras formas a serem praticadas, por isso, escrever as cartas e inseri-las no texto da tese tem sido o caminho.

Uma segunda pesquisa, nível mestrado, emergiu ao revisitar as experiências de um pesquisador durante a sua formação inicial em uma disciplina intitulada “Gênero e Sexualidade na Formação de Professores”, no Instituto Federal do Rio de Janeiro, campus Duque de Caxias, na Licenciatura em Química. Durante o processo da pesquisa, buscou recolher da memória situações, relatos, estranhamentos, confortos e desconfortos localizados em materiais já escritos, como trabalhos finais de disciplina. Durante o percurso, surgiu a ideia de compor uma carta para o jovem estudante que ele foi no passado e que podem ser muitos jovens hoje estudantes do ensino médio e ingressantes na universidade.

O intuito é trazer à superfície na escrita questões outras que poderiam ainda estar despercebidas no cotidiano vivido e que podem ser material para compor a escrita da dissertação. Essa investigação tem como objetivo compreender a importância de estudar gênero e sexualidade na formação docente, buscando entender como professoras/es podem auxiliar no combate à LGBTI+fobia em suas práticas pedagógicas.

Inspirado por Vinci (2015), o pesquisador vale-se da problematização como método de análise de uma política pública de combate à LGBTI+fobia na Educação (projeto Escola sem Homofobia), fruto do Programa Brasil sem Homofobia (2004), para entender como o material analisado pode auxiliar na formação docente, que pontos podem ser mais desenvolvidos e o que ainda seria preciso produzir a respeito do combate à LGBTI+fobia nas instituições escolares.

A terceira pesquisa acontece há quatro anos e vincula a investigação de uma docente e uma bolsista de Iniciação Científica. Partiu do interesse em conhecer a produção feminista e coletiva de um grupo que atua na Baixada Fluminense há 11 anos, a Roque Pense, cuja intenção é fomentar uma educação antisssexista e antirracista. De início, sua atuação se deu na cena do rock periférico, protagonizada por mulheres, tendo mulheres como público e não somente acompanhantes de homens. Depois de 2015, adquiriu contornos de produção transmídia, valendo-se das redes sociais e de temporadas de programas audiovisuais, no Youtube.

Os objetivos da pesquisa são acompanhar as invenções e negociações de gênero e sexualidade praticadas nas ações dessa coletiva. Ao descrever e analisar uma sequência de seis programas audiovisuais com música, gravados pela coletiva em 2019, com duração média de 25 minutos cada episódio, com a participação de uma banda convidada e/ ou coletivo de intervenção urbana, percebemos a necessidade de tornar a nossa escrita acessível, com recursos de descrição sensoriais, culminando em um exercício novo. Para esta comunicação,

escolhemos uma passagem do programa audiovisual: "Estúdio Roque Pense! Tambores de Safo part. Slam das Minas RJ | 3ª Temporada | EP 5"⁴. Nele, tomamos como fonte de pesquisa o material composto pelo que a Banda Tambores de Safo, do Ceará, e o Slam das Minas RJ, produzidos pela RoquePense, enunciam por meio do audiovisual na música, dando a conhecer seu processo de produção artística e cultural, assim como nós podemos pensar a escrita com estética.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Procuramos então extrair os efeitos da aposta em outros modos de escrever as pesquisas. Da investigação de doutorado apresentada, foi possível compreender que ao voltar às escritas de experiências profissionais anteriores no campo dos direitos de crianças e adolescentes, um novo estilo de escrita emergiu com a elaboração de cartas. Essas cartas tinham endereçamento explícito para o autor Paul Preciado, para o grupo de orientação e para os assim chamados personagens de encontros no campo dos direitos das crianças e adolescentes, egressos da rede de acolhimento e profissionais que atuam nesses serviços. Quando escrevemos uma carta, imaginamos a pessoa destinatária e buscamos nos expressar de modo a transmitir nossa mensagem. Escrevemos atentas/os a quem vai receber a carta. Como exemplo, destacamos um trecho da carta que a pesquisadora endereçou para Preciado, elaborada em 2021⁵: "Caro Paul Preciado, provocada pelo seu texto "Quem defende a criança queer?", pensei em contar um pouco das minhas inquietações. Talvez você nunca leia essa carta, talvez leia, e de todo modo, posso partilhar os pensamentos que vem me movimentando". Na construção dessa carta, o diálogo com as ideias do autor ajudou na organização das ideias da pesquisadora e na formulação do problema de pesquisa e do objetivo da tese que é a ruptura com as normas de gênero.

Da investigação de mestrado relatada, evidenciou-se o diálogo com as experiências vividas na formação docente e refletidas atualmente na formação em pesquisa no campo de estudos de gênero e sexualidade. O mergulho do pesquisador em memórias da formação permitiu entender o caminho de investigação a seguir, ao se deparar com situações que apontavam para a presença de opressões de gênero e sexualidade ao longo de suas vivências durante os anos escolares. Aquelas memórias e suas marcas apresentam, ainda, implicações no presente. A LGBTI+fobia impactou a produção de subjetividade, inclusive a do

⁴ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=n_FANx7GZMM

⁵ Trecho inicial da carta direcionada ao Paul Preciado e elaborada dia 30 de junho de 2021.

pesquisador, e fez com que percebesse que, na época em que era aluno do Ensino Médio, o debate não ocorria e abusos com estudantes aconteciam sem que pudessem ser amparados por docentes ou pela direção escolar. A esse respeito, como afirmou Rolnik (1993, p. 3): "vamos nos criando, engendrados por pontos de vista que não são nossos enquanto sujeitos, mas das marcas, daquilo em nós que se produz nas incessantes conexões que vamos fazendo."

Impulsionado por essas marcas, a pesquisa pretende contribuir para a reflexão e o alargamento da formação docente desde a perspectiva da formação humana. A escrita da carta contribuirá no processo de entender as vivências das opressões de gênero e sexualidade, além de compor o entendimento necessário para combatê-las.

Da apresentação da pesquisa com a coletiva Roque Pense, a fruição do episódio audiovisual gravado com a Banda Tambores de Safo (composta por mulheres de percussão sapatão, bissexual, transsexual, feminista, antiracista, anti lgbtifóbica e antifacista), somada à participação do Slam das Minas RJ e participação especial, final, de Navalha Carrera (compositora travesti de música eletrônica), levou-nos a conhecer o exercício da "dobra". Consiste em escolher coletivamente um tema específico, de preferência algo que venha sendo experimentado junto. Naquela situação, o tema eleito foi o autocuidado, que contou com a coletivização sapatão, trans, não binária e de pessoas pretas e brancas. Cada pessoa, então, escreve um verso ou uma frase, dobra a folha e passa para a próxima para dar continuidade. Ao final da rodada, da gira de escritas, compõe-se uma única escrita, mas ninguém sabe quem escreveu cada trecho ou o que resulta dela até que as dobras do papel sejam desfeitas e a composição seja lida. Ao lerem, também juntas, emerge a percepção sonora do que foi escrito, perceber ênfases e destaques que serão, por exemplo, o refrão de uma nova composição musical que emerge. Não somente lida, mas lida ao contrário também, o que muda a direção da composição e ainda agrega uma nova camada sonora, sensível e visual que é a batida eletrônica, gravada no estúdio em uma sessão posterior.

O acontecimento da dobra na gravação desse episódio da Roque Pense, quando analisado, animou-nos à escrita coletiva, com a oportunidade de colocar em composição uma escrita de nossas pesquisas, movida pelo tema em comum da escrita. Ainda que, aqui, a dobra seja mais uma metáfora e se concretizou na escrita em diferentes tempos, por diferentes autorias, que voltam a ler o que cada uma escreveu e, a partir daí, escrevem (de) novo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sugerir outros modos de escrita não está relacionado a perder o rigor, ao contrário, caminhamos lado a lado à proposta de Suely Rolnik (1993) quando, em seu Memorial de um concurso para professora titular, instigou a pensar sobre o “rigor ético/estético/político” que se aproxima mais da esfera “ontológica do que metodológica, intelectual ou erudita” (ROLNIK, 1993, p. 6).

Ou seja, é necessário que esse rigor não seja apenas um mero reprodutor de regras fixas da escrita acadêmica e que possa servir para a produção de dobras e marcas outras que não estavam pensadas, a priori, mas que emergem e podem proliferar nesse fazer de escritas poéticas e desobedientes. Precisamos afetar a nós mesmas/os para escrever de outros modos e para que leitoras/es de nossos trabalhos também se deixem afetar por essa escrita não-normativa que produz outros modos de comunicar, com estética de criação de nossos campos de estudo e intervenção, comprometidas politicamente. Por rigor político, entendemos a afirmação de modos de vida dignos para crianças e adolescentes trans e travestis, para que a escola não seja lugar de LGBTI+fobia institucional e sim lugar onde sujeitos LGBTI+ possam existir e se formar e, para isso, entre alianças, conhecer e acompanhar as movimentações de coletivos feministas que abraçam lutas antissexistas e antirracistas.

REFERÊNCIAS

DINIZ, D; GEBARA, I. Desobedecer. In: **Esperança Feminista**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2022, p. 261 - 276.

MORAES, A. C. e CASTRO, F. M. F. M. Por uma estetização da escrita acadêmica: poemas, cartas e diários envoltos em intenções pedagógicas. **Revista Brasileira de Educação**, v. 23, p. 1-15, 2018.

MORAES, M e BERNARDES, A. G. Apresentação. In: **Cartas para pensar: políticas de pesquisa em psicologia**. Recurso eletrônico. Vitória: EDUFES, 2014.

ROLNIK, S. Pensamento, corpo e devir - Uma perspectiva ético/estético/política no trabalho acadêmico. **Cadernos de Subjetividade**. São Paulo, v.1, n. 2, p. 241- 251, 1993.

VINCI, C. F. R. G. A problematização e as pesquisas educacionais: sobre um gesto analítico foucaultiano. **Filosofia e Educação**. Campinas, v. 7, n. 2, p. 195 - 219, 2015.